

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

MILLENA CORREIA DE FREITAS

**A LINGUA(GEM) NO WHATSAPP: UM OLHAR DISCURSIVO PARA O
FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA ESCRITA**

UNEMAT	
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA - MT	
BIBLIOTECA REGIONAL	
TOMBO Nº	00115988
DATA	29 / 04 / 16
CONTROLE:	92620864
() COMPRA (x) DOAÇÃO () PERBUTA	

PONTES E LACERDA - MT

2015/02

8J'42

F8621

MILLENA CORREIA DE FREITAS

**A LINGUA(GEM) NO *WHATSAPP*: UM OLHAR DISCURSIVO PARA O
FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA ESCRITA**

Monografia apresentada ao
Departamento de Letras-Campus de
Pontes e Lacerda-UNEMAT, sob
orientação do **Prof. Me.** Divino Alex
Rocha de Deus, como requisito
parcial para a obtenção do título de
graduada em Licenciatura em
Letras.

PONTES E LACERDA-MT

2015/02

MILLENA CORREIA DE FREITAS

**A LINGUA(GEM) NO *WHATSAPP*: UM OLHAR DISCURSIVO PARA O
FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA ESCRITA**

Esta monografia foi apresentada a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) como requisito parcial do título de licenciado em letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Divino Alex Rocha de Deus
Orientador

Prof.^a Dr.^a Silvia Regina Nunes

Prof. Me. Rogério Gomes Martins

UNEMAT - Pontes e Lacerda - MT

Dedico este trabalho de conclusão de curso primeiramente a Deus, por ter concedido essa conquista tão almejada. Em especial aos meus pais, Domingos Alves Correia do Espírito Santo e Célia Regina de Freitas Correia, por estarem para comigo desde o início de meu percurso acadêmico, dando apoio e sabedoria. Enfim, instigando-me a não desistir de meus ideais.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por ter concedido essa conquista tão sonhada, dando-me foco, força e fé, protegendo-me através de idas e vindas durante o período de quatro anos de graduação em Pontes e Lacerda-MT.

Em especial, aos meus pais, por estarem para comigo desde o início de meu percurso acadêmico, sem esquecer-se de meu irmão Matheus Freitas Alves Correia, pois ele também foi um dos colaboradores na qual me sustentaram a continuar a persistir, chegando até aqui.

Ao meu orientador Prof. Me. Divino Alex Rocha de Deus, por ter sido um dos contribuintes a minha formação acadêmica enquanto ser pensante e crítico (a). Enfim, por ter acreditado em mim, quando eu mesma duvidei, mantendo toda paciência e dedicação em relação a minhas dificuldades e equívocos pertinentes ao processo de escrita do trabalho.

Aos meus professores (as) Cristina Aparecida, Eliane de Almeida, Hêlvio Moraes, Inês Parolin, Joil Antonio, Lara Couto, Madalena Machado, Matheus Melo, Manuela Arruda, Rogério Martins, Silvia Nunes, Thalita Sampaio, Tereza Passos e Verônica Moreno por instigarem e ampliar meu avanço intelectual, a minha turma, colegas de corredor e amigos, dentre eles, Alana Souza, Amanda Lopes, Claudia Neres, Denise Soares, Graziane Rossi, Patrícia Ribeiro e Wermerson Santos, tendo com eles a oportunidade de compartilhar momentos alegres e frustrantes durante toda trajetória de licenciatura, enfim, estou meramente lisonjeada.

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender os efeitos de sentidos produzidos nas discursividades materializadas no aplicativo *WhatsApp*. Desse modo, tomamos como materialidade discursiva conversas simultâneas elaboradas a partir da captura de telas/grupos populares do aplicativo *WhatsApp* em Smartphones. Ao longo da análise se observa que a escrita, nas condições de produção da internet, projeta outro estatuto, pois desloca a relação do sujeito com a linguagem ao produzir uma interlocução de escrita para o funcionamento que se parece com a oralidade.

Palavras-Chave: Análise de Discurso - Linguagem - Escrita - Oralidade - Sujeito - Internet - *WhatsApp*

ABSTRACT

This research seeks to understand the effects of meanings produced in discourses materialized in the *WhatsApp* application. Thus, we as a discursive materiality simultaneous conversations drawn from the capture of screens / groups *WhatsApp* popular application on smartphones. Throughout the analysis it was observed that the writing on the internet production conditions, projects other status because shifts the subject's relationship to language to produce a dialogue writing for the operation that looks like orality.

Key-words: Discourse Analysis - Language - Writing - Orality - Subject - Internet - *WhatsApp*.

"[...] A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social [...]". (ORLANDI, 2015, p.13).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1-ANÁLISE DE DISCURSO: TEORIA E DISPOSITIVO DE ANÁLISE.....	04
2-MODOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS: ESCRITA E ORALIDADE.....	09
3-ESCRITA E INTERNET: RUPTURA E DESLOCAMENTO.....	14
3.1 A LÍNGUA NO APLICATIVO WHATSAPP: SIMULTANEIDADE E ENTRECRUZAMENTO DE INTERLOCUÇÃO.....	16
4-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

INTRODUÇÃO

Pelo viés da Análise do Discurso fundada por Pêcheux (2008) na França e Orlandi (2015) no Brasil, buscarei compreender o funcionamento da escrita no aplicativo *WhatsApp*. Consideramos este aplicativo uma oportunidade produtiva de estabelecer um gesto de escuta, pois, além de ser um espaço onde a prática da língua escrita é cotidiana as condições de produção nos evoca a refletir sobre seus efeitos.

O *corpus* deste trabalho é constituído por conversas instantâneas de quatro grupos diferenciados em cujo espaço virtual se faz por trocas de mensagens escritas, de áudio, de vídeos e imagens que se movimenta a partir de múltiplos interlocutores. Neste contexto, visualizamos um universo tecnológico em que há uma falta de continuidade dos diálogos, uma não-linearidade como próprio desta prática de linguagem, pois existem várias trocas de mensagens acontecendo ao mesmo tempo, e por isto mesmo há formulações incompletas, formulações mediadas por cortes, entrecruzamentos de enunciações dos diferentes sujeitos interlocutores.

A partir do material linguístico recortado, buscamos problematizar sobre o modo como o aplicativo *WhatsApp* trabalha a escrita e propomos pensar também em que medida essa linguagem/funcionamento determina/afeta a produção da escrita e a oralidade em outras condições de produção, da internet por meio do "[...] jogo entre a paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. (ORLANDI, 2015, p.34)". Com base as compreensões da autora, buscaremos compreender este ritual de linguagem a partir das noções teóricas da Análise de Discurso enquanto dispositivo teórico sujeita a condições de produção sócio-histórica.

Nessa perspectiva, conforme Dias (2009), discutiremos a escrita enquanto uma das primeiras e mais antigas tecnologias de linguagem produzidas pelo homem, pautada pelo processo de diferentes relações sociais se tornou visível na medida em que o mundo se globalizava, pois com a eclosão de novas tecnologias, houve mudanças tanto na cultura quanto nas relações intermediadas pela linguagem. Em outras palavras, desde a prática do

manuscrito, a prática de massa, a prática dos impressos, até chegar à prática digital, acarretando assim, diferentes gestos de comunicação. Falar-escrever-digitar-teclar, hoje, materializam diferentes relações do sujeito com a linguagem. Através destas novas formas de textualidade, a escrita consiste a uma nova grafia tal qual se reflete/interferindo a língua padrão¹. Ou seja, a partir do momento em que se coloca em prática a materialidade digital, produz uma mexida na estrutura (linear) da língua tradicional/normativa, há, todavia um deslizamento de sentidos nos modos de escrita.

Desta maneira, buscamos aqui, problematizar sobre os efeitos do desenvolvimento veloz dos meios tecnológicos em relação à ordem da materialidade da língua escrita nessas condições de produção, em específico a escrita no *WhatsApp*. O sujeito contemporâneo tem uma relação de tensão no que tange a ordem da língua escrita e oralidade, porque historicamente, há toda uma estrutura e efeito de linearidade já estabelecida resultante do próprio funcionamento da língua escrita enquanto artefato que deve ser considerada. Além disto, há uma tensão dos diferentes espaços enunciativos da palavra escrita. Basta observarmos que não se digita artigos e teses em ambientes acadêmicos da mesma maneira que se tecla em e-mail, chats e blogs com amigos. Tanto a escrita, quanto a oralidade são determinadas pelas condições de produção, mas ambas contêm suas próprias peculiaridades de materializar-se, uma composta pelo efeito de linearidade das palavras respeitando todo um rol/jogo de regras impostas pela gramática normativa, e outra determinada pela ordem da enunciação direta entre locutores.

Nesse sentido, podemos observar que este discurso digital emergiu a partir daí, pelo gesto de escrita contemporânea, mas tomaremos como lugar de escuta o aplicativo *WhatsApp* que nos proporciona por em jogo o funcionamento da escrita e da oralidade enquanto a relação do sujeito com a linguagem. Tendo como proposta a produção de funcionamentos outros, que observamos ao longo da pesquisa o desenrolar de diferentes interlocuções entrecruzadas no mesmo espaço do dizer.

Para a realização deste trabalho apresentamos no primeiro capítulo a discussão da teoria e o dispositivo de análise. Dentre a linguagem tecnologia

¹ Estabelecida de acordo com a gramática normativa é considerada como modelo de língua correta.

sob o viés da Análise de Discurso de Pêcheux (2008) na França e Orlandi (2015) no Brasil é que buscamos compreender o funcionamento da língua sobre outras condições de produção. Desse modo, nos filiamos teoricamente neste estudo de linguagem, por conter noções teóricas que possibilitam discutir questões pertinentes as noções de sujeito, sentido, silêncio, discurso, ideologia, história e linguagem. Portanto, destacamos que estas noções norteiam nossa proposta de análise.

No segundo capítulo estabelecemos uma compreensão epistemológica em relação aos modos de produção de sentidos tal qual nos proporciona discutir sobre a materialidade de escrita e oralidade constituída pelo próprio funcionamento da língua enquanto e status de legitimidade. E, para finalizar, fechamos a nossa discussão com análise de materialidade produzidas no aplicativo *WhatsApp*.

1- ANÁLISE DE DISCURSO: TEORIA E DISPOSITIVO DE ANÁLISE

Existem várias maneiras de compreender o funcionamento da Língua(gem), dentre estas possibilidades, a Análise de Discurso é um dos campos de estudos da linguagem que "[...] procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.(ORLANDI, 2015, p.13)". Ou seja, precisamos entender que a Análise de Discurso é uma das áreas da Linguística que estuda o funcionamento da língua, mas questiona o que está posto por ela, ao perguntar pela história e pelo inconsciente na produção de sentidos.

É a partir desse percurso teórico que buscamos compreender a ordem do funcionamento discursivo no aplicativo *WhatsApp*. Nos filiamos teoricamente neste estudo de linguagem, por conter noções teóricas que possibilitam discutir questões pertinentes as noções de sujeito, sentido, silêncio, discurso, ideologia, história e linguagem. Portanto, ressaltamos que estas noções são essenciais para nossa proposta de análise.

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Ai entra então a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história. (ORLANDI, 2015, p.17).

Diante desta afirmação, compreende-se que os analistas do discurso não lidam com a língua fechada como está posto na Linguística, tampouco interessa pensar uma possível forma neutra/unívoca diante da relação ao que o texto quis dizer, mas buscar compreender o funcionamento da língua a partir dos gestos de interpretação desencadeada pela correlação entre o língua, discurso e ideologia. Assim cabe dizer que por meio dos processos de interpretação, a língua funciona ideologicamente e o sentido por uma materialidade linguística e histórica. Em outras palavras, "[...] os sentidos e os sujeitos se constituem em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos o controle e nos quais o equívoco-o trabalho da ideologia e do

inconsciente-estão largamente presentes. (ORLANDI, 2015, p.58)". Entretanto, independente da posição do sujeito falante, o mesmo problematiza as maneiras de ler.

Desse modo, a Análise de Discurso trabalha com objeto próprio: o discurso. A"[...] palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento (ORLANDI, 2015, p.13)". O discurso é, assim, uma prática de linguagem discursiva social que observa o homem falando, que compreende a língua fazendo sentido. Pensar no funcionamento do discursivo é considerar a relação das condições de produção, é considerar a exterioridade como constitutiva. Considerando essa materialidade tende-se a possibilidade de compreender um universo de sentidos interpelados pela relação do sujeito com a ideologia, entende-se o modo como a língua produz sentido para/pelo sujeito.

Como se pode perceber, o advento da Análise de Discurso se deu pela necessidade de criar um dispositivo de interpretação que se comprometesse em trabalhar com a discursividade histórica e linguística. Distinguindo-se da Hermenêutica,² este dispositivo visava empregar-se aos estudos da linguagem com o objetivo de analisar suas falhas e opacidade, mostrar os procedimentos do funcionamento do discurso. Portanto, em uma formação discursiva e ideológica, os sujeitos falam a mesma língua, mas falam diferentemente, uma vez que os sentidos das palavras podem variar de acordo com as posições do sujeito que as empregam em uma manifestação de linguagem. Assim, o analista deve considerar o trabalho da ideologia e constituir gestos de leitura por um dispositivo de análise. Enfim, os efeitos discursivos trabalham em confluência à formação discursiva e o interdiscurso.

Nesse contexto faz-se necessário compreender que o interdiscurso "[...] é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que ela já faça sentido. (ORLANDI, 2015, p. 31)". Ou melhor, tudo aquilo que se fala antes em outros lugares é o que chamamos de memória discursiva. Desse modo, o encadeamento entre o interdiscurso e a memória discursiva, como processo de rememoração e possibilidade de todo dizer, se encontra presente

² Teoria intitulada por interpretar o conteúdo de textos e não a produção de efeitos de sentidos.

em todo texto por condições que fazem parte da produção do discurso. Orlandi (2015) afirma que esta convergência é designada pelo fato da ideologia ser "[...] a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos (p.44)". A ideologia produz o efeito de evidência, um trabalho de memória sustentado pela relação dos já ditos e o a se dizer.

A partir de gestos de leitura, torna perceptível para o analista do discurso a inscrição do sujeito e do sentido em uma dada formação discursiva. E é por este funcionamento ideológico que os sentidos já parecem como naturalizados, produzindo a ilusão que os sentidos não poderiam ser outros. Mas para a Análise de Discurso os sentidos não são fixos, não se fecham a uma estrutura. E esta será a tarefa do analista do discurso, o de deslocar o gesto de interpretação, perguntando pelos sentidos outros, para compreender outros possíveis gestos de interpretação, que, embora exista não é reconhecido pelo sujeito na prática de linguagem. Desta forma, consideramos que o discurso, posto como um duplo jogo de memória entre sentidos e sujeitos: a memória institucional que pode se naturalizar o mesmo ou se constituir por meio do esquecimento; o diferente, o que torna possível. Ao pensar discursivamente a linguagem, essa ruptura do mesmo é conhecida como deslizamentos dos sentidos.

Para Orlandi (2015), a noção de Formação Discursiva "[...] permite compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso (p.41)". Ou seja, em decorrência a uma formação ideológica dada, as palavras mudam de sentido conforme a posição do sujeito em que se marca no que se diz, deixando vestígios para facilitar a compreensão do modo como o discurso se textualiza.

Nesta perspectiva, a ideologia estando correlacionado ao sujeito e o sentido em sua materialidade simbólica e histórica, a Análise de Discurso se põe a esta relação, de sujeito afetado pelo materialismo histórico e a língua para significar inscreve-se na história. É assim, que a linguagem se materializa na ideologia qual a mesma se manifesta na língua.

Portanto, colocada a interpretação em questão, fica visível que há várias maneiras de interpretar um texto verbal e não verbal, há linguagem não é transparente, tampouco linear, no âmbito da exterioridade. A Análise de

Discurso é uma teoria que concebe a incompletude, a impossibilidade de dizer tudo. É posta como ciência que compreende como se dá a interpretação. Enfim, a linguagem não é apenas estrutura, mas acontecimento sujeita a falhas.

Para a Eni P. Orlandi (2015):

Quando pensamos discursivamente a linguagem é difícil traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente. Dai consideramos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos. (p.34).

Ressaltamos que a manifestação do dizer discursivo trabalha através destas duas noções pensadas na relação com a incompletude nas condições de produção. A primeira é noção da paráfrase, pela qual se busca compreender o funcionamento da linguagem a partir do dizer já dito, o já significado e a segunda é a polissemia pela qual se busca entender a ruptura de processos de produção de linguagem, no deslocamento de regras, o não dizível, à ocultação, o equívoco, enfim, os deslizamentos dos sentidos/intervenção do diferente. Ao deslocar a leitura tradicional para as outras possíveis leituras é inadmissível pensar o sentido sem interpretação, todavia, sem possibilidades de deslizos.

Os deslocamentos se dão pelos efeitos metafóricos, visto que o discurso se constitui na relação com outros discursos, o que possibilita os deslizamentos de sentidos. Isso nos leva a pensar que uma mesma formulação pode produzir efeitos de sentidos diferenciados, com duas posições de sujeitos e com duas formações discursivas bem distintas. "Se o real da língua não fosse sujeita a falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos. (ORLANDI, 2015, p.35)". Ao lado dessa compreensão encadeada as rupturas do discurso, diríamos que a relação entre o mesmo e o diferente são as duas forças que sustentam o dizer das práticas discursivas, onde os sentidos e os sujeitos podem ser sempre outros pelo simples fato da paráfrase ser o ponto principal da leitura, que ao se impor no jogo da memória, possibilita provocar o deslocamento de sentidos pela polissemia.

É entre o jogo da paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, ou melhor, é por meio do jogo metafórico que se constituem o deslizamento de sentidos que buscamos compreender a ordem da interlocução da escrita no discurso digital, especificamente no aplicativo *WhatsApp*, através dos deslocamentos dos sentidos mostrado pelos processos parafrásticos e polissêmicos que parecem romper com o ritual da escrita. Com a hegemonia de redes de computadores interligados, a escrita parece ganhar outras condições de funcionamento, ganha outros modos de materializar sentidos, outras maneiras de dizer, entretanto, não estamos querendo dizer que a escrita está perdendo o seu espaço/a sua materialidade (textual, linear) para a oralidade, mas questionamos por sentidos outros postos em jogo, podendo aí funcionar em outra ordem a que possibilita outras relações entre sujeito e linguagem, da qual lidamos atualmente em nosso cotidiano.

2- MODOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS: ESCRITA E ORALIDADE

Nosso objeto de análise (a escrita no *WhatsApp*), demanda compreender o funcionamento da escrita e da oralidade enquanto relações do sujeito com a linguagem. Por este motivo, é necessário considerar o início dos estudos linguísticos a partir de Ferdinand de Saussure, o qual ficou conhecido como pai da Linguística, em razão de que seu método de estudo produziu efeitos de cientificidade para Linguística, assim configurou o *status* de ciência autônoma. Para tais efeitos, o autor adota critérios dicotômicos para estudar o funcionamento da língua. E, dentre suas dicotomias, nos interessa trazer para reflexão o modo como o autor problematiza a relação da língua com a escrita:

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. (SAUSSURE, 2008, p.34).

Para o linguista, a língua e a escrita são sistemas distintos, dicotômicos, mas de certa forma não deixa de se entrelaçar transversalmente no campo linguístico. Para Saussure (2008), a língua é um sistema social de signos depositados no cérebro dos falantes, tal qual, baseado através de um sistema unívoco/herdado/fechado/homogêneo, funcionando por si próprio. Já a escrita é posta como um sistema regido por suas regras e formas particulares, no entanto, seria apenas uma materialidade de representação/instrumento gráfico da língua, todavia, o autor observa que com o passar do tempo à escrita acabou por usurpar a atenção que devia se dar à língua.

Interessa-nos aí essa compreensão de que é pela materialidade visível da escrita que a língua se perpetua e nos parece como fixa. Ou melhor, por mais que para Saussure a escrita seja apenas um sistema de representação, sua forma material visível produz um imaginário social que a escrita seja a própria língua e por isto mesmo é tomada como um lugar possível de controle e observação. Mas sabemos que a língua tende a materializar-se pela fluidez e pelas suas falhas de que é própria da língua, qual tal entendemos na Análise de Discurso. Nessa perspectiva, vemos que a historicidade nos permite

compreender que a escrita materializa o desejo de domínio e de poder do homem na relação com a língua, por isto mesmo, a escrita se naturalizou como materialidade da língua politizada e policiada.

Auroux (1992), em *A revolução tecnológica da Gramatização* discute sobre o processo de instrumentalização da língua e sua discussão nos permite compreender a escrita como condição material para o efeito de domínio. Para o autor é pela escrita que foram constituindo saberes sobre a linguagem na história do homem. Para isto, ele aponta dois marcos fundamentais: o aparecimento da escrita e o processo da gramatização das línguas do mundo.

Neste contexto de reflexões linguísticas, Auroux (1992) afirma que a escrita não é concebida como origem, mas como processo de transição da passagem do saber epilinguístico para o metalinguístico. Pensar sobre jogos de linguagens seria discursar sobre o saber metalinguístico, que sobreveio pela necessidade de instrumentar a língua a partir de análises e descrições exigidas pelas tecnologias da gramática e dicionário. Em outras palavras, este saber construído sobre a língua deu condição para o homem problematizar e tentar a domesticação do sentido. Este sistema resumia-se ao direito de língua única/normativa, do qual apaga a intervenção do homem sobre outras práticas de línguas. Pelo viés discursivo, compreendemos uma mudança na condição de sujeito na linguagem, já que o efeito de visibilidade material dá condições de entender e normatizar ao que se entendiam como língua.

Neste contexto, faz-se necessário compreender que decorrente aos avanços dos saberes sobre a linguagem, o sujeito falante passa a significar-se por meio da escrita instrumentalizada, lugar do sentido ilusoriamente domesticado. Se antes a língua funcionava de forma fluída, sem a intervenção do normativo, neste momento, com o nascimento das metalinguagens, a escrita, pensada como a própria língua, passa a ser organizada e registrada dentro do meio conceutivo de proporções particulares, ou seja, por prescrições de regras e normas gramaticais de uma língua, admitindo apenas uma forma como correta. A escrita aí ganha *status* de legitimidade (silencia o lugar da oralidade)³ que afeta o sujeito falante quando passa compreender/controlar a escrita enquanto uma estrutura de unidade textual.

³ Apresentaremos esta discussão logo em seguida.

Indursky (2010) nos proporciona a possibilidade de compreender a escrita enquanto materialidade historicamente naturalizada à noção de texto, uma vez que é pensada enquanto produção uma unidade de organização linear. "[...] Sabemos, desde sempre, que texto é verbal, que deve apresentar-se de forma escrita, que esta forma deve apresentar clareza, e precisa ter começo meio e fim. (INDURSKY, 2010, p.35)".

Nesta circunstância, é possível observar que esta definição de texto/escrita tem atravessado muitos séculos, portanto, um sentido já naturalizado. Dessa forma, pensar sobre o texto como materialidade de escrita é compreendê-lo enquanto o seu trabalho sistêmico/regulador dos sentidos para o sujeito/falante. Em outras palavras, a unidade textual é posta como conjunto de palavras e frases bem elaboradas que se organizam por meio de um advento linguístico (a escrita), uma sentença linear de frases e regras gramaticais na confluência dos diferentes níveis fonológico-morfológicos-sintáticos.

Ainda em Indursky (2010) refletir sobre o texto seria discorrer sobre um encadeamento de palavras escritas para produção de uma unidade imaginária. Nesta conjuntura, a escrita posta como unidade textual coerente e coesiva determina o sujeito a pensar a língua culta como a legitimada. Pfeiffer (2002) mostra a escola como lugar que materializa essa determinação do sujeito à escrita a partir dos instrumentos didáticos e tecnológicos. Por essa relação mesma, a autora aponta a escrita funcionando enquanto processo de autorização:

[...] A relação da questão do processo de *autorização* no espaço discursivo da escolarização, aqui compreendido como espaço de relações de sentidos que investem nos sujeitos formas e gestos de interpretação muito específicos que conformam suas relações sociais. (p.09).

Observamos então que no âmbito social dizer/significar pela escrita é estar na relação com um dizer já legitimado pela normatização, o qual nos coloca em constante reflexão com o funcionamento da língua instrumentalizada/administrada. Sendo assim, a escola enquanto instituição condiciona ao sujeito o lugar necessário para sustentar o imaginário da escrita

enquanto lugar do planejamento/controle do dizer e da busca constante do encadeamento de ideias para efeitos de sentidos desejados numa dada interlocução.

Assim, se levarmos em consideração a ordem de funcionamento veremos que a língua escrita e oral se distancia por constituir-se por lugares e funcionamentos distintos na relação do sujeito de linguagem no social. Assim, deve considerar que o sujeito se constitui por linguagens e como tal produz efeitos de sentidos diferentes quando se inscreve na memória da língua escrita e na oralidade.

Nesta perspectiva, Gallo (1992) problematiza sobre o discurso da escrita e o discurso da oralidade. No discurso da escrita a autora compreende a posição do sujeito-autor que consiste na construção do sentido e de um fecho, como se não tivesse outro possível. Por outro lado, a oralidade está para o não planejado, o imediato, produz efeito de 'sentido ambíguo', de 'inacabado' pois é atravessado por outras linguagens (gestos, expressão facial) que perpassam a interlocução.

Logo, dentre os diferentes gestos de interpretação sobre a língua escrita e a oralidade, Vieira (2007), nos propicia entender que há uma dualidade entre a língua e a história que se constitui pelos processos parafrásticos e polissêmicos, sendo a escrita tomada pela existência do saber metalinguístico e, por outro lado, a oralidade posta como o lugar de dispersão que materializa a relação do sujeito com a língua.

De acordo com Payer (2005), a oralidade se constitui através de abordagens empíricas contendo suas transcrições próprias. Ou seja, a língua oral dentro sistema linguístico deixa de lado algumas categorias gramaticais, não registra linguisticamente de maneira rígida tal qual encontramos na língua escrita tradicionalmente projetada. Em outras palavras, na oralidade a rupturas sintáticas e oscilações fonéticas por materializar a língua materna. Dessa forma entendemos a oralidade como:

[...] um lugar sócio-histórico de produção e de circulação de sentidos, uma vez que os discursos que aí se produzem e circulam encontram-se envolvidos, como materialidade linguístico-discursiva oral, nos embates das práticas

discursivas- entre elas, a da escritura- que se conflitam na sociedade. (PAYER, 2005, p.47).

Podemos compreender que o sujeito discursiviza pela oralidade a partir de um lugar próprio, de natureza discursiva diferente da escrita instrumentalizada e constituída na escola. A oralidade se baseia no discurso de uma prática social/atividade linguageira.

Assim, com base nas discussões teóricas apresentadas, materializamos a ideia de que ao tomar a escrita no aplicativo como o *WhatsApp* estamos diante de uma outra forma de linguagem em que não há o mesmo ritual de funcionamento da língua escrita tal como discutimos. Diante disso, passaremos a compreender a escrita no espaço digital.

3- ESCRITA E INTERNET: RUPTURA E DESLOCAMENTO

Com advento da internet, além de permitir a circulação de textos digitais, possibilitou a discursivização a partir de diferentes formas de escrita. Nesse sentido, vimos como a internet produziu novas condições de produção de linguagem: a escrita passa a intermediar a interlocução simultânea, o que instaura outros modos de funcionamento. Nosso objeto de análise (a linguagem no *WhatsApp*) põe em jogo o funcionamento da escrita e da oralidade nas relações do sujeito com a linguagem a qual passamos analisar.

Primeiramente, temos que considerar que a língua escrita do aplicativo *WhatsApp* não é a única que possibilita a simultaneidade e a instantaneidade de interlocução. Vale ressaltar que nesta conjectura marcada pela velocidade e pela linguagem da programação, esse espaço de prática digital constitui-se por diferentes gestos de comunicação.

Dias (2009), nos proporciona entender que:

[...] Falar, escrever, digitar/teclar vão produzir sentidos diferentes e diferentes conhecimentos do mundo, pois cada um desses gestos têm repercussões no modo como nos relacionamos com o conhecimento. Em cada uma dessas relações muda a relação do sujeito com a linguagem. (p.11).

Diante dessa afirmação, percebemos que as formas de textualidade se transformam à medida que o surgem diferentes modos de circulação e práticas de linguagem. Neste sentido, a prática da escrita se dá de uma maneira não convencional, pois funciona em condições de produção específicas, intermediada pela linguagem digital, na qual o sujeito interlocutor diz/significa em um contexto do grupo/ou rede. Neste caso, veremos que tanto a oralidade quanto a escrita se fundem. No entanto não há nenhuma preocupação com as prescrições particulares das regras gramaticais e nem mesmo com os interlocutores envolvidos, o que importa é o sentido a interlocução produzida por trocas de mensagens. Como se vê na contemporaneidade, a sociedade se constitui por rede,⁴ o que faz surgir novas práticas condicionadas pela própria

⁴CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

internet, logo, produzindo outros sentidos. Por mesma via, a língua escrita constitui gestos de sentidos outros, por efeito às novas relações do sujeito com a linguagem uma vez que o sujeito não discursiviza com um familiar do mesmo modo que redige uma carta, tampouco tecla com amigos na mesma intensidade que digita um trabalho acadêmico. Isso nos leva a pensar que estamos diante da escrita com diferentes condições de produção.

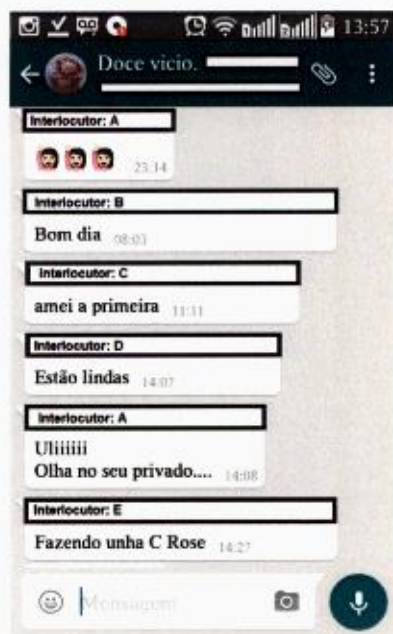
Ao pensar nas diferentes condições de produção, vale considerar o aplicativo MSN como condição que possibilitou a interlocução por intermédio de recados simultâneos e instantâneos. Embora não seja constituído por grupos, este chat inaugura práticas de escrita que dão condição para invenção de aplicativos como *WhatsApp*. Nossa escolha pelo *WhatsApp* se dá pela interlocução com diversos sujeitos num mesmo espaço de dizer. O mesmo se constitui por trocas de mensagens de texto, de voz, de fotos e gravações de vídeos, tanto pela versão para computadores quanto para versão de celulares Smartphones, Android, Iphone, Windows Phone, IOS, e dentre outros, o que possibilita ao sujeito práticas de linguagem com pessoas virtualmente e, principalmente permitir trabalhar o funcionamento de diferentes interlocuções que sobrevêm entrecruzadas num mesmo espaço digital.

Posteriormente, não estamos querendo dizer que a escrita intermediada pela internet fica desprovida das perspectivas formais, até porque existe escrita no espaço digital que necessita de planejamento, isto é, a circulação de textos que se inscrevem no imaginário de controle imposta pelas prescrições de regras e normas gramaticais, como é o caso da escrita encontrada em ambientes acadêmicos e judiciários.

Porém, fez-se necessário abordar esse percurso histórico para compreendermos todos os aspectos constitutivos para o discurso da escrita com sua condição material sobre o efeito de domínio. Nessa perspectiva, as discussões teóricas já apresentadas nos propiciaram compreender que a materialidade do discurso da escrita como condição para sustentação do imaginário da língua como fixa, ganhando seu status de legitimidade de controle, enquanto uma unidade linear de frases coesas e coerentes a qual é trabalhada na escola enquanto lugar institucional. Mas, nosso objetivo será mais específico, compreender o funcionamento da escrita enquanto materialidade de interlocução simultânea e instantânea.

Para tal propósito, buscamos compreender a interlocução mediada a este aplicativo do qual põe em jogo o funcionamento da escrita e da oralidade. Neste sentido, apresentamos em seguida quatro recortes de práticas discursivas extraídas do aplicativo *WhatsApp*.

RECORTE I



Fonte: elaborada pela acadêmica a partir da captura de telas do aplicativo *WhatsApp* em *Smartphone*.

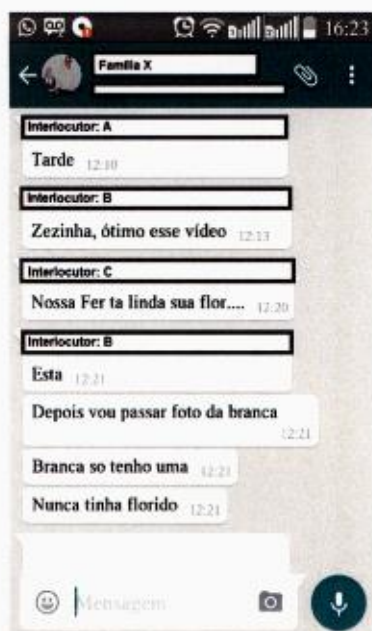
No recorte acima, participaram cinco interlocutores pertencentes a um grupo popular, contendo faixa etária indefinida. Para iniciar o bate papo no aplicativo o interlocutor A, faz uso *smileys*,⁵ isto é, empregando carinhas de uma menina acenando com as mãos, em seguida o interlocutor B aparece dando lhe "Bom dia", o interlocutor C, responde "Amei a primeira", o interlocutor D, "Vocês estão lindas". Como podemos perceber o interlocutor D, além de remeter aos outros interlocutores, traz um contexto amigável referente a um elogio, em seguida, o interlocutor A, retoma novamente à prática dialógica e escreve "Uliiiii olha no seu privado..." e o interlocutor E, finaliza dizendo "Fazendo unha C Rose". Ressaltamos que nessa prática de interlocução além de serem constituídos por texto verbal e visual, os sujeitos fazem uso de *smileys* e abreviações. No entanto, nos interessa observar o modo da

⁵ Linguagem usada por interlocutores no espaço digital. Posteriormente, serve para expressar sentimentos e comunicação no corpo do texto verbal.

interlocução: a não-linearidade (não há busca ilusória da completude) e entrecruzamentos de sentidos como ritual de interlocução.

Nessa circunstância, notamos que nesta prática discursiva, há ausência sequencial de sentidos que se inscrevem como um imaginário de unidade textual: são diferentes dizeres materializados pela escrita num mesmo espaço digital. Quer dizer, que a escrita nas condições de produção que observamos propicia um jogo de linguagem que trabalha o dizer, uma posta na relação com outra, de forma polissêmica ao discurso da escrita, enquanto organização linear, o que pode ser pensado como forma parafrástica ao discurso da oralidade. Contudo, observamos que a escrita dialógica desta prática esta sujeita a falhas pelo fato de ser intitulado como o lugar de dispersão. Vejamos que a escrita se instaura a partir do funcionamento da oralização por razão da rapidez, os interlocutores enunciam com a mesma intensidade que respondem discursivizando por meio da língua materna desencadeadas transversalmente pelas rupturas sintáticas e oscilações fonéticas de atividade linguageira. Vejamos o recorte II:

RECORTE II



Fonte: elaborada pela acadêmica a partir da captura de telas do aplicativo *WhatsApp* em *Smartphone*.

Este recorte nos permite observar que há três interlocutores pertencentes ao grupo familiar X. Logo, para iniciar o bate papo no aplicativo, o

interlocutor A, enuncia "Tarde", em seguida o interlocutor B menciona "Zezinha, ótimo esse vídeo", o interlocutor C "Nossa fer ta linda sua flor. ", deste modo, o interlocutor B, retorna ao bate-papo e finaliza a prática de interlocução dizendo "Esta Depois vou passar foto da branca so tenho uma nunca tinha florido". Há uma repetição de funcionamento: há diferentes dizeres materializados pela escrita num mesmo espaço digital sem materializar a necessidade do fecho textual, sem o efeito de organização sequencial. O sujeito significa e se diz atravessado pela rapidez do acontecimento da linguagem de forma parafrástica ao discurso da oralidade.

Compreendemos que tais interlocuções se dão pela simultaneidade e instantaneidade ou pela ausência/suspensão, pois no aplicativo *WhatsApp*, há um funcionamento da ordem da escrita: no aplicativo é possível retomar tópicos de discussão dentre outros que já estavam materializados antes em interlocução.

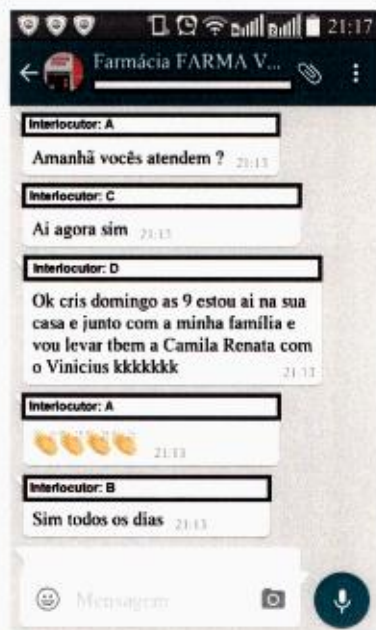
No que tange a língua digital, Dias (2009), em *Imagens e metáforas do mundo*, nos propicia entender que no discurso digital, criam-se outros tempos e outros espaços no que se diz a respeito do conhecimento e da informação. Ambos determinantes da sociedade passam a se confundir, mas não querem dizer a mesma coisa, pois além de produzir diferentes efeitos de sentidos, a relação do sujeito com o conhecimento e a informação muda. Mudam-se as formas de aprender, uma vez que a informação chega muito mais rapidamente em vários lugares do mundo graças à globalização. É preciso que entendamos esta nova condição de prática discursiva na relação com a linguagem num espaço que constituí através de vários computadores interligados.

Nesta conjectura, podemos dizer que com o advento da internet a conectividade permitiu um novo espaço de interlocução entre os sujeitos. Gallo (1992) nos proporcionou compreender que este funcionamento simultâneo que se constitui enquanto forma marginal ao processo de legitimação da língua, esta sobre efeito de produzir sentidos incompletos, com múltiplos interlocutores, sem fecho, inacabado, ambíguo e, sobretudo, sem transparência. Vejamos que este funcionamento discursivo tecnológico se coloca num jogo muito parecido com a transcrição da escrita oralizada, mas diferente uma vez que é posta em relação a um novo espaço chamado ciberespaço que:

Comporta muitos indivíduos em conexão, simultaneamente, ou quase simultaneamente, sem que para isso seja necessária a presença física (além disso, esses indivíduos podem valer-se de um vasto arquivo digital). Estamos falando de coletividades em contato nas chamadas redes, o que requer uma forma específica de sujeito. Esse funcionamento de ciberespaço me parece ser, um modo novo de inscrição dos sujeitos. (GALLO, 2012, p. 06).

Nessa circunstância, é possível observar que o conceito de ciberespaço aponta para condição do sujeito contemporâneo de discursivizar sobre um espaço de visibilidade universal de simultâneos diálogos em rede que não prescinde a presença física para o procedimento das interlocuções imediatas. Posta enquanto virtualizante produz efeito de coletividade/relações entre pessoas que além de não se conhecerem se inscrevem sobre um modo novo muito semelhante ao da oralidade. Em outras palavras, é preciso que compreendamos que a tecnologia enquanto condição de produção de escrita nos possibilita uma mediação outra, materializada pela linguagem: não se trata de uma oralidade da escrita, há uma escrita oralizada com funcionamento outros, mas diferente qual apresentaremos logo a seguir:

RECORTE III



Fonte: elaborada pela acadêmica a partir da captura de telas do aplicativo *WhatsApp* em *Smartphone*.

Neste recorte de prática discursiva, há quatro interlocutores pertencentes ao um grupo popular. Entretanto, para iniciar o bate papo o interlocutor A escreve: "Amanhã vocês atendem?", diante desta circunstância, o que se espera é a resposta logo em seguida do interlocutor B, mas não é bem assim que acontece, quando os interlocutores C-D assume a posição e respondem imediatamente. Ressaltamos que o interlocutor C comenta "Ai agora sim", o interlocutor D "Ok cris domingo as 9 estou ai na sua casa e junto com a minha familia e vou levar tbem a Camila Renata com o Vinicius kkkkkkk", o interlocutor C novamente retoma à prática discursiva e diz a partir de abreviações e *smileys*, uma vez que insere no corpo do texto verbal imagens de palmas, logo, remetendo aos demais interlocutores um contexto de felicidade. Observamos que é depois das ocorrências enunciativas dos interlocutores C-D que o interlocutor B assume a palavra, respondendo ao que o interlocutor A havia indagado anteriormente. Logo o interlocutor B responde "Sim todos os dias".

Podemos perceber que pelo fato de tratar-se de uma transcrição da escrita oralizada existe entrecruzamentos de diálogos, o que nos leva a refletir sobre a tecnologia como materialidade confluyente da língua, é considerar o discurso digital como o local de interlocução entre vários sujeitos, imposta pela nova condição traçada por novos contornos discursivos o que Gallo discute como efeito da Escritorialidade que se compõe:

[...] tanto características da escrita do Discurso da Escrita (DE), quanto do Discurso da Oralidade (DO). Em outras palavras, esse efeito de autoria se dá em razão da legitimidade, publicização, efeito de "fecho", características próprias do DE, quanto pela simultaneidade, instantaneidade, abertura, provisoriedade, características do DO. Portanto, uma autoria com novos contornos. (GALLO, 2012, p.09).

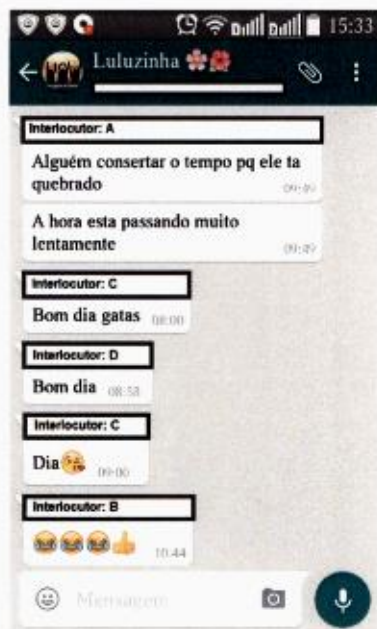
Diante dessa afirmação, nos ancoramos para reafirmar a compreensão, pois, segunda a autora, numa mesma materialidade discursiva é possível encontrar aspectos do discurso da escrita e do discurso da oralidade. Os interlocutores significam-se nas redes sociais uma vez que assumem uma nova autoria de discursividade parafrástica à oralidade, isto é, as interlocuções são instantâneas, simultâneas, provisórias, sem efeito de autoria, não-

interruptas e sem fecho, mas se relacionam com textualidades constituídas sobre uma certa unidade de legitimidade, o que é uma característica significativa para o discurso da escrita. É preciso que entendamos que escrita oralizada no aplicativo *WhatsApp* se constitui sobre o efeito de novos contornos em razões da informalidade da fluidez da tecnologia digital.

Diante dessa circunstância, vale ressaltar que essa discursividade nos proporcionou compreender que a língua escrita intermediada ao aplicativo *WhatsApp* fica sujeita ao jogo de equívocos, quebra o ritual qual à Análise de Discurso pressupõe. Diante disso, nos leva a retomar ao que já vimos em Orlandi (2015), uma vez que sujeito está afetado pela história. Sabemos que ao longo da história se constituiu sentidos naturalizados produzindo a ilusão de que os sentidos não poderiam ser outros, mas quando a Análise de Discurso desloca a noção de indivíduo para de sujeito pelo inconsciente, notamos que a língua não é fixa não se fecha a uma estrutura, mas acontecimento, sobretudo, sujeito a falhas proporcionando assim, outros gestos de interpretação.

E, para terminarmos a discussão sobre o funcionamento da escrita e da oralidade como prática que desestabiliza a relação do sujeito com a língua(gem) observamos a repetição da regularidade em mais um recorte.

RECORTE IV



Fonte: elaborada pela acadêmica a partir da captura de telas do aplicativo *WhatsApp* em *Smartphone*.

Este recorte acima, nos permite observar que há quatro interlocutores pertencentes a um grupo popular. Para iniciar o bate papo o interlocutor A escreve "Alguém consertar o tempo pq ele quebrado A hora esta passando muito lentamente", nessa circunstância, o que se espera é a resposta do interlocutor B, mas novamente não é bem assim que acontece quando logo os interlocutores C-D assume a posição e respondem imediatamente. O interlocutor C menciona "Bom dia gatas", o interlocutor D "Bom dia", logo o interlocutor C retorna à prática discursiva e responde "Dia" precedido por um *smileys* que remete aos demais um contexto/sentimento de carinho. E finaliza assim o diálogo, o interlocutor B assume a palavra, respondendo que o interlocutor A havia questionado anteriormente. Observamos que tal resposta é intermediada novamente pela inserção de *smileys*.

Observamos a regularidade de funcionamento: a prática discursiva é constituída por texto verbal e visual e, sobretudo, pela ausência da linearidade de sentidos, pois há entrecruzamento de interlocuções, como destacamos entre os interlocutores A-B. Outra regularidade que encontramos nos recortes I e III são os *smileys* funcionando como forma parafrástica à oralidade, na qual a linguagem facial significa. A materialidade analisada nos faz mencionar Dias (2008), quando nos permite entender sobre a noção material da escrita digital. A autora compreende que a escrituração virtualizante traz mudanças gráficas, em razões do uso contínuo do computador pelos internautas da internet. Posteriormente, para refletir-se sobre a língua da Internet, é preciso descrever sobre a noção do Internetês:

A língua em seu modo de escrita abreviado, acrônimo, com o uso de *smileys*, onomatopeias, substituição de letras, ausência de acentuação, substituição de caracteres alfabéticos por numéricos, entre outras características [...].(DIAS, 2008, p.15).

Enquanto linguagem muito usada nas redes sociais, o Internetês e o conceito da Corpografia se constituem por meio da criação de uma grafia das redes de relação, o sujeito deixa vestígios de si mesmo, de suas sensações e sentimentos, no corpo das palavras. Nessa perspectiva, nos leva entender que esta linguagem regulada pelo imaginário da internet possibilitou outras formas de textualidade qual deixa de lado a escrita enquanto materialidade de língua

sobre efeito de domínio e legítima e estabelecendo-se sobre sua forma corpográfica do pensamento.

Nessa conjuntura, diante a tecnologia como materialidade discursiva ressaltamos que as interlocuções materializadas nos recortes I, II, III e IV tem o seu funcionamento semelhante com a transcrição da escrita oralizada por razões de haver muitas trocas de mensagens acontecendo ao mesmo tempo, qual nos proporciona cometer formulações incompletas, mediadas por cortes, entrecruzamentos de sentidos num mesmo espaço de dizer, que não precisa necessariamente da presença física para dialogar com múltiplas pessoas que estão ao seu redor. Por mesma via, o que prevalece no ciberespaço são as interlocuções simultâneas, instantâneas, a não-linearidade entre os assuntos, todavia o que esta em jogo é a intenção dinâmica de divertimento com as palavras.

Dessa forma, vale dizer então que estes gestos de interpretação do lugar de escuta como o aplicativo *WhatsApp* quebra respectivamente com o ritual de escrita enquanto a sustentação do imaginário de língua enquanto fixa, com o imaginário de controle pensada como unidade textual e de legitimidade qual se aprende na escola enquanto instituição de autoridade. Dessa forma, se olharmos para a rapidez da materialidade da língua escrita no aplicativo *WhatsApp*, dizemos mais uma vez, que o funcionamento da escrita na condição de produção da internet é muito semelhante ao discurso da oralidade, mas diferente em razões da ausência física dos interlocutores. Mas há de reconhecer que a materialidade da escrita intervém em: há a possibilidade de retomada de tópicos de discussão, pois a escrita da visibilidade ao já formulado.

Nessa perspectiva, como o dispositivo teórico discursivo implica compreender as falhas e opacidades da linguagem discursiva histórica e linguística é que compreendemos o funcionamento da escrita enquanto materialidade de interlocução simultânea e instantânea se dá no jogo da ordem da escrita e da oralidade. Dessa forma, não podemos afirmar que essa nova condição de efeito de sentido não se instaura pela oralidade da escrita, mas há um funcionamento parafrástico da escrita e da oralidade mediante a falha do ritual da linguagem propicia por produzir funcionamentos outros. As interlocuções no aplicativo *WhatsApp* convivem entrecruzadas num mesmo

espaço, onde interlocutores estão afetados pela rapidez da informação, enfim, Gallo (2012), nos proporcionou entender que é no espaço digital que acontece o efeito do deslizamento do sentido tanto ao funcionamento da escrita quanto da oralidade. Pensar a língua escrita no aplicativo *WhatsApp* é pensar discursivização entre os entrecruzamentos de sentidos (e de interlocução) como materialidades produzida/intermediadas pelas novas tecnologias.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso desse trabalho sobre linguagem e tecnologia sobre o viés da Análise de Discurso, Pêcheux (2008), na França e Orlandi (2015), no Brasil é que compreendemos o funcionamento da língua escrita no aplicativo *WhatsApp* a partir de outros admissíveis gestos de interpretação e sentidos.

Desse modo, ao estabelecer o aplicativo *WhatsApp* como o lugar de escuta, nos proporcionou observar que este espaço põe em jogo o funcionamento da escrita e da oralidade nas relações do sujeito com a linguagem, que se desestabilizaram por intermediar-se na internet.

Para tais efeitos, ao longo da pesquisa, apresentamos quatro recortes de práticas discursivas extraídas do aplicativo *WhatsApp* para compreender como se constitui esse funcionamento. A partir da análise percebemos que, ao dizer/significar pelo *WhatsApp*, o sujeito é atravessado pela rapidez do acontecimento da linguagem de forma parafrástica ao discurso da oralidade logo, desloca da busca do efeito da linearidade textual, o sujeito se diz materializando linguagens num movimento de interlocuções entrecruzadas como próprio deste ritual de dizer.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

DIAS, Cristiane. **Da corpografia: ensaio sobre a língua / escrita na materialidade digital**. Santa Maria: UFSM, PPGL- Editores, 2008.

_____. **A escrita como tecnologia da linguagem**. In: *Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009.

_____. **Imagens e metáforas do mundo**. Campinas: Editora da Unicamp, Rua, 2009.

GALLO, Solange, Leda. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. **Discurso e Novas Tecnologias de Informação**. Maringá-PR: JIED, Prelo (inédito), 2012.

ORLANDI, Eni, Pulcinelli. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. São Paulo: 12ª Edição, Pontes, 2015.

INDURSKY, Freda. **O texto nos estudos da linguagem: Especificidades e limites**. In: ORLANDI, E.P. RODRIGUES, S.L. *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e Textualidade*. São Paulo: 2ª Edição, Pontes, 2010. (p.33 a 43)

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: Estrutura ou acontecimento**. 5ª Edição. Campinas, Pontes, 2008.

PFEIFFER, Claudia Castelanos. **Escritos. Escrita, Escritura, Cidade(III)**. Campinas: LABEUB-NUDECRI-UNICAMP. Escritos 7, 2002.

PAYER, Maria, Onice. **Discurso, memória e oralidade**. Campinas, Horizontes, 2005.

SAUSSURE, de Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 22ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2008. (P. 33 a 41).

VIEIRA, Mariza, Silva. **Cultura e Oralidade**. Pelotas: Educat, 2007.

Aplicativo WhatsApp, disponível no site https://www.whatsapp.com/?l=pt_br, acessado no dia 25/10/2015.

